

O PAPEL DO PROFESSOR NAS RELAÇÕES DE ENSINO E APRENDIZAGEM: INTERFACES EDUCACIONAIS

Pilar de Moraes Sidi
pilarsidi@via-rs.net

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir as relações estabelecidas entre ensino e aprendizagem e o papel do professor como mediador do conhecimento. Trata-se de uma reflexão teórica cuja metodologia utilizada é a revisão de literatura. Propõe-se como fio condutor do trabalho o seguinte questionamento: Como o docente influencia no processo de ensino e de aprendizagem? Discorrendo sobre a temática, podemos dizer que, a dualidade: aluno (aquele que aprende) e professor (aquele que ensina), são elementos fundamentais para que a aprendizagem ocorra. Neste contexto, não podemos deixar de destacar que muitos fatores estão imbricados nestas relações de ensino e aprendizagem, tais como: o local onde a aprendizagem ocorre, os fatores físicos, mentais, emocionais e pessoais, tanto do aluno quanto do professor. Dentro de uma concepção tradicional, quem realiza o papel principal para que a aprendizagem se efetue é o professor. Para fundamentar a reflexão sobre ensino e aprendizagem, ocuparam destaque na argumentação: Paulo Freire (1983), Sacristán e Gomez (2007), Mizukami (1986), Gardner (1983), entre outros. Os resultados do trabalho apontam que, a aprendizagem é uma construção na qual o professor ocupa um papel fundamental, tendo como suas atribuições inspirar os alunos, compartilhando e refletindo sobre o que foi ensinado, sendo, ao mesmo tempo, quem ensina e quem aprende, contribuindo para a formação do aluno e também para a sua própria formação. Para que ele obtenha êxito, é necessário que possua uma formação profissional adequada e que estimule o pensamento crítico

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Professor.

Introdução

As relações existentes entre ensino e aprendizagem são um assunto bastante recorrente no campo de estudos da educação. Uma gama de estudiosos tem voltado seu olhar para esta temática. Eles a abordam sobre diversos aspectos, definindo e defendendo o tema de forma diversificada, de acordo com cada corrente teórica que participam. O francês Philip Meirieu nos traz um exemplo interessante a este respeito. Citando Sócrates, ele diz:

Sócrates, lembrando-nos bem, interrogando um pequeno escravo sobre uma questão de geometria, demonstrava a seu contraditor que não ensinava nada a este homem, mas permitia-lhes apenas, “graças a simples perguntas, descobrir sozinho e por si mesmo a ciência” (Meirieu, 1998, p. 25).

Tendo em vista o exemplo de Sócrates, é possível constatar que as relações existentes entre ensino e aprendizagem ocorrem mediante a dualidade: (aluno aquele que aprende) e professor (aquele que ensina), ou que faz a mediação do conhecimento, sendo que o professor ocupa um papel muito importante nesta interação. Concomitantemente existe também o local onde as aprendizagens acontecem (escola, universidade, internet, etc.). Refletindo sobre a questão do ensino, mais especificamente, sobre sua relação com a aprendizagem, emergem questões tais como: Como aprendemos? Com Quem? Por quê? Para quê? Pergunto-me ainda: quem é o responsável pela aprendizagem? O aluno? O professor? O local onde a aprendizagem é efetuada? Qual é o papel do professor no processo de ensino e aprendizagem? A formação docente contribui para os processos de ensino e aprendizagem? Estes questionamentos instigaram a presente reflexão a respeito das relações existentes entre ensino e aprendizagem e a formação docente. Para dar conta desta fascinante temática penso ser necessário, primeiramente, debater a respeito do significado dos dois conceitos, contrapondo-os de acordo com algumas concepções teóricas.

As relações de ensino e aprendizagem e suas correntes

Ao falar sobre ensino e aprendizagem, é interessante definir o que significa cada termo isoladamente. Neste sentido, a respeito da palavra ensinar, a enciclopédia La Rousse apresenta a seguinte definição para o termo: “transmitir conhecimentos, instruir”. Educar. Doutrinar. Amestrar, adestrar. Treinar. Domesticar, domar (falando-se de animais). Indicar, mostrar: vou ensinar-lhe o caminho. V. i. Pregar (La Rousse, 1982, p. 695).

Sacristán e Gomez definem “ensino” como: “uma atividade prática que se propõe dirigir as trocas educativas para orientar num sentido determinado as influências que se exercem sobre as novas gerações” (Sacristán e Gomez, 2007, p. 81).

Mizukami (1986) refletindo sobre o que é ensino e como ele ocorre, considera que dentro de uma concepção tradicional, quem realiza o papel principal para que o ensino se efetue é o professor. Isso ocorre porque o professor acaba sendo o responsável pela transmissão do conhecimento. Na concepção do autor, existe uma relação, na qual o aluno ocupa a função de receptor, sendo o local onde o conteúdo é armazenado, depositado. Esta seria também a idéia de “pedagogia bancária” muito criticada por Paulo Freire. Na obra “Pedagogia Bancária”, Freire (1987, p. 33), assim se expressa:

na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro.

Assim sendo percebe-se que Freire posiciona-se contra esta corrente. Em contrapartida, é importante salientar que a definição de ensino está intimamente ligada à relação dialógica professor x aluno e aos papéis que cada um ocupa. Os agentes que participam desta relação de (re) produção do conhecimento, ou seja, os professores, os alunos, as formas como o conhecimento e as aprendizagens são realizadas/transformadas/produzidas e de extrema importância dentro do processo. Neste sentido, para Felicetti:

a aprendizagem humana envolve uma série de conhecimentos acumulados culturalmente, envolve sua natureza e organização, e os processos individuais de cada aluno contribuem para o desenvolvimento desse conhecimento. Os estilos individuais de aprendizagem são modelados pela estrutura de conhecimentos de cada um. Para que se possa compreender melhor a aprendizagem, há a necessidade de melhor compreender a natureza do conhecimento humano, as formas e os processos com que ele é criado e recriado (Felicetti, 2011, p. 33).

Desta forma, o modo pelo qual aprendemos pode ser influenciado por diversos fatores, como: físicos, meio ambiente, sentimentais, culturais, econômicos, históricos, enfim, tudo que

está ao nosso redor pode influenciar no processo da aprendizagem. É importante acrescentar ainda que nem sempre quando há o ensino de alguma coisa, ocorre necessariamente uma aprendizagem. Todos nós somos capazes de aprender, mas nem sempre isso se mostra possível. Para Gardner:

o cérebro de uma pessoa, de qualquer pessoa, contém todo potencial de percepções, belezas e arranjos linguísticos, simbólicos, cinestésicos, pictóricos e lógicos que abrigam todo saber humano possível. Todo ser humano é saber em semente, pronto para brotar e florescer tão logo aprenda a construir-se em comunhão com o objeto imprescindível de todas as fantasias previsíveis- o mundo em que vivemos (Gardner apud Antunes, 2010, Prefácio).

Tendo em vista as palavras de Gardner, conclui-se que os seres humanos são dotados da possibilidade de aprender, porém, para que isso ocorra, é importante que existam estímulos, desejo, força de vontade e outros atrativos.

Em contrapartida, é interessante ressaltar que muitos teóricos estudaram a aprendizagem, cada um com um ponto de vista distinto. Para melhor esclarecer este assunto, o abordo no próximo tópico.

As correntes teóricas da aprendizagem

A respeito das teorias da aprendizagem, podemos destacar a presença de distintas correntes. Encontramos entre elas, a teoria do campo, a corrente genético-cognitiva e muitas outras. Discorrerei um pouco sobre algumas delas.

Para Sacristán e Gomez, ao falar sobre a teoria do campo, consideram a aprendizagem como:

um processo de doação de sentido, de significado, às situações em que o indivíduo se encontra. Sob as manifestações observáveis se desenvolvem processos de discernimento e de busca intencional de objetivos e metas. O indivíduo não reage de forma cega e automática aos estímulos e pressões do meio objetivo, reage à realidade tal como a percebe subjetivamente. Sua conduta responde à sua compreensão das situações, ao significado que confere aos

estímulos que configuram seu campo vital em cada momento concreto (Sacristán, Gomez, 2007, p.33).

Sendo assim, o processo de aprendizagem tem a capacidade de ser um instrumento pelo qual somos permitidos melhorar, modificar, desenvolver nossas habilidades intelectuais e também de sobrevivência.

Em outra perspectiva da aprendizagem, encontramos a corrente genético-cognitiva. Ela vê a aprendizagem como um fenômeno hereditário no qual ocorre uma espécie de condicionamento das aprendizagens por parte das estruturas iniciais. A aprendizagem provoca a modificação e também a transformação das estruturas que quando são modificadas, possibilitam o florescimento de novas aprendizagens, as quais são dotadas de uma maior riqueza, sendo conseqüentemente mais complexas. (Sacristán Gómez, 2007, p.35). Os autores chamam a atenção, ainda, para o fato de que o conhecimento nunca pode ser tratado como uma simples e descompromissada cópia do real, mas sim como uma forma bastante elaborada, ocasionando uma espécie de ganho onde estabelecemos relações nas quais estruturamos representações do que é real, produzindo então “instrumentos formais de conhecimento” (Sacristán, Gomez, 2007, p.35).

Segundo Piaget, apenas somos capazes de compreender um fenômeno a partir do momento em que entramos num processo de reconstrução, tendo como referência as transformações das quais ele é resultado. Observamos assim, que para que esta reconstrução ocorra, precisamos efetuar uma elaboração da “estrutura de transformação” (Piaget, apud Sacristán e Gómez, 2007, p. 36). Ainda na concepção de Piaget, buscando esclarecer como ocorre o desenvolvimento intelectual, o autor ancorou-se na ideia de que é preciso acontecer uma adaptação entre o meio físico e a organização do meio ambiente, buscando o equilíbrio entre ambos. O autor ele teceu uma comparação com a biologia, uma vez que sempre defendeu a ideias de que o desenvolvimento intelectual e o desenvolvimento físico agem da mesma maneira.

Em outra abordagem sobre a aprendizagem, encontramos as aprendizagens significativas de Ausubel. Este autor evidenciou a importância das aprendizagens, considerando as mesmas como “significativas”. Para fundamentar sua teoria, ele defendeu que as aprendizagens se

assentam na premissa de que o conjunto de ideias, uma vez manifestados de forma simbólica, está atrelado de forma consistente ao que o aluno já sabe. Nas palavras de Ausubel:

aprendizagem significativa é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura cognitiva do conhecimento do indivíduo. Ou seja, neste processo a nova informação interage com uma estrutura de conhecimento específica, a qual Ausubel define como conceitos subsunçores (subsumers), existentes na estrutura cognitiva do indivíduo. A aprendizagem significativa ocorre quando a nova informação ancora-se em conceitos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva de quem aprende (Ausubel apud Moreira e Masini, 2002, p. 7).

Deste modo, depreende-se que, tudo aquilo que é aprendido é significativo para o sujeito que aprendeu. Assim sendo, para que a aprendizagem ocorra, é importante que o indivíduo estabeleça uma relação com aquilo que já se sabia antes, ou seja, com a bagagem cognitiva que todo indivíduo carrega. O autor destaca também, a ideia de que o armazenamento de informações no cérebro humano deve ocorrer de maneira estruturada, na qual existe uma espécie de hierarquia de conceitos. Nesta hierarquia conceitual, “elementos mais específicos do conhecimento são ligados (e assimilados) ha alguns conceitos mais gerais, e outros mais inclusivos. Estrutura cognitiva, significa, portanto, uma estrutura hierárquica de conceitos que são abstrações da experiência do indivíduo” (Ausubel apud Moreira e Masini, 2002, p.8).

São apontados ainda por Ausubel três dimensões essenciais para que o processo de aprendizagem ocorra. São elas: a lógica, a psicológica e a afetiva. Estas três alicerçam-se no fato de que aprendizagem e seu desenvolvimento são indissociáveis. Para o autor: “os novos significados não são as ideias ou conteúdos objetivos apresentados e oferecidos à aprendizagem mas produto de um intercâmbio, de uma fusão” (Sacristán, Gómez. 2007, p. 38). Deste modo, a aprendizagem significativa origina concomitantemente a hierarquização e a organização do conhecimento prévio e também “a extensão de sua pontencialidade explicativa e operativa” (Sacristán, Gómez, 2007, p. 39).

Em outra corrente teórica, encontramos ainda a psicologia da aprendizagem soviética, a qual defende que: “a aprendizagem está em função do desenvolvimento” (Sacristán, Gómez, 2007,

p. 40). Um dos autores representantes desta escola é Vigotski, que afirma que: “o desenvolvimento segue a aprendizagem, já que esta é quem cria a área de desenvolvimento potencial” (Sacristán, Gómez, 2007, p. 41).

Já a psicologia genético-dialética francesa de Wallon tem uma concepção a respeito da aprendizagem, a qual concorda com as ideias dos soviéticos. Na visão deles: “a aprendizagem é incompreensível sem sua localização dentro do processo de desenvolvimento, e o conhecimento é um conceito metafísico, se não o explicarmos a partir da aprendizagem realizada no intercâmbio do organismo com o meio”. (Sacristán, Gómez, 2007, p. 42).

Por isso é importante sabermos como aprendemos e a função do professor neste processo de ensino e de aprendizagem. É função dele, saber como os alunos aprendem melhor para auxiliá-los em sala de aula, conhecendo os melhores métodos para realizar seu trabalho de maneira eficaz. Mas será que isso é possível?

Após a imersão nestas diferentes correntes teóricas discorro agora sobre o papel do professor como mediador do conhecimento e sobre os métodos de aprendizagem utilizados por ele.

O papel do professor como mediador do conhecimento e seus métodos de aprendizagem

Conforme dito anteriormente, todos somos capazes de aprender, nosso cérebro nos permite esta habilidade (Gardner). Mas como? Como se aprende? O que se aprende? Quem ensina? Como se ensina?

A princípio, quem ensina algo é o professor, mas para fazer isso, é necessário o conhecimento de diversos aspectos tais como: ter um bom método, conhecer os estilos de aprendizagem de cada aluno, ter domínio do conteúdo que está ministrando e uma série de outros atributos. Falando a respeito do processo de ensinar e também de aprender, um dos aspectos fundamentais para que o conhecimento seja produzido e trabalhado é que se dê uma boa aula, mas como?

Segundo Noffs, é necessário que o professor tenha:

- a) conhecimento do aluno concreto;

- b) conhecimento profundo do conteúdo que ensina;
- c) conhecimento de procedimentos básicos e coerentes com a natureza do conteúdo;
- d) conhecimento de procedimentos que avaliem a consecução de objetivos;
- e) conhecimento do valor da interação professor-aluno como elemento facilitador da aprendizagem e
- f) conhecimento da dimensão do trabalho do professor na sala de aula (NOFFS, 1989, p. 62).

O professor deve então ser polivalente, ter múltiplas habilidade e capacidades, sendo sempre estimulado por seus próprios impulsos e por sua inteligência. Apesar de todas as frases fazerem sentido e serem de extrema importância, nem sempre é possível concretizar cada uma delas. Pegando um a um os itens citados por Noffs e dissecando-os podemos dizer que:

a) Conhecimento do aluno concreto: é muito importante para que o professor conheça o aluno, mas será que isso é possível? Nem sempre. Em uma turma com muitos alunos, o que costuma ocorrer em escolas, por exemplo, é muito difícil realizar este mapeamento dos alunos e dar uma aula que agrade a todos. Não devemos nos esquecer que cada aluno tem sua forma de aprender e que o método utilizado por um professor pode servir para uma turma, mas pode não servir para outra. E ainda assim, dentro de cada turma, que é composta por uma série de indivíduos, cada um com seus pensamentos, sentimentos, histórias de vida, ritmos de aprendizagem, é quase impossível propor algo que agrade a todos.

b) Conhecimento profundo do método que ensina: nem sempre o professor tem este conhecimento tão aprofundado do que está ensinando, pois dentro de uma área do conhecimento, seja ela qual for, sempre existem muitas temáticas a serem abordadas. Assim sendo, não são apenas os alunos que têm suas preferências e facilidades ou dificuldades para entender ou transmitir, ou absorver algo, os professores, também apresentam seus gostos, particularidades, e identificam-se melhor com um ou outra conteúdo dentre de mesma matéria. Assim sendo, torna-se difícil ter o domínio preciso de tudo aquilo que se está ensinando.

c) conhecimento de procedimentos básicos e coerentes com a natureza do conteúdo: isso é fundamental, e não é tão difícil assim de se consolidar. Está relacionado com a capacidade de utilizar uma boa metodologia no que tange ao ensino de determinado conteúdo. Existe uma corrente teórica que diz que um dos fatores muito importantes para que se aprenda ou para que se ensine algo, é necessário que haja um método de aprendizagem. Um autor referência sobre esta temática é Carbonell. Para este autor, “são abundantes os discursos vazios de conteúdo nos quais só importa vender didatismo e se prescinde totalmente de conhecimento” (Carbonell, 2002, p. 71). Ainda para o autor:

as pedagogias psicológicas e algumas tendências didáticas realizam uma autêntica sacralização do método, rebatizando-o com estratégias, técnicas de estudo, procedimentos e habilidades para “aprender a aprender” e para ensinar a ensinar”, quando às vezes não servem para aprender nenhum conteúdo, mas apenas para preparar-se no domínio da estratégia em questão (Carbonell, 2002, p. 71).

Assim, vemos que o método é de fundamental importância para o processo de ensino e de aprendizagem.

d) conhecimento de procedimentos que avaliem a consecução de objetivos: é indispensável que para planejar uma aula, devemos também estar pensando a respeito dos processos de avaliação, traçando metas para que determinado conteúdo seja bem explicitado, e depois avaliado de forma coerente, sendo possível identificarmos o que o aluno realmente aprendeu.

e) conhecimento do valor da interação professor-aluno como elemento facilitador da aprendizagem: O professor deve estar disposto a conhecer o seu aluno para facilitar a sua aprendizagem. Neste sentido, para Carbonell (2002), o professor:

deve centrar-se tanto nos modos de ensinar quanto nos modos de aprender, este último aspecto é bastante esquecido nos tempos atuais. E é sabido que cada estudante aprende sempre de uma forma pessoal e particular. Um maior conhecimento sobre como funciona a aprendizagem é imprescindível para

averiguar os níveis reais de compreensão dos alunos em relação às diversas atividades e aquisições nas diferentes fases da aprendizagem (Carbonel, 2002, p.72).

Assim, percebe-se, que o professor exerce um papel fundamental na relação existente entre ensino e aprendizagem. Ele deve estar sempre próximo do aluno, para poder auxiliá-lo e saber a melhor maneira para efetuar a mediação do conhecimento.

f) conhecimento da dimensão do trabalho do professor na sala de aula: quanto a este aspecto, é interessante ressaltar que o professor deve se valorizar, conhecer o significado do seu ofício, para ele e para a sociedade. O professor sofre críticas constantes durante o seu ofício. Se um aluno não aprende a culpa é dele. Se a aula não está de acordo com as expectativas dos alunos, é o professor que não tem didática. Não podemos esquecer que qualquer ser humano que tem uma profissão, que trabalha, é porque em algum momento passou pelas mãos do professor, então, é necessário que este profissional tenha o devido reconhecimento perante as instituições escolares e pela sociedade.

Considerações finais

A proposta do presente trabalho foi debater sobre as relações existentes entre ensino e aprendizagem e o papel do professor como mediador do conhecimento. Através da análise da bibliográfica desenvolvida, foi possível depreender que o professor ocupa um papel fundamental para que a aprendizagem se realize. Ele deve traçar metas a serem realizadas a cada aula, e posteriormente, ver suas estas metas se concretizarem, diariamente e semanalmente. É interessante também que ele consiga se entusiasmar com o seu ofício e despertar diariamente a paixão e a sede do conhecimento no aluno.

Referências

- ANTUNES, C. **As inteligências múltiplas e seus estímulos**. 10ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.
- CARBONELL, J. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

FELICETTI, Vera Lucia. Aprender a aprender para fazer e ser melhor. In.: FELICETTI, Vera Lucia. **Comprometimento do estudante: um elo entre aprendizagem e inclusão social na qualidade da Educação superior**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, PUCRS. Porto Alegre: 2011, p.76-118

_____ **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1987.

La Rousse. **Novíssima enciclopédia Delta-Larousse**. Editora Delta. S.A. Rio de Janeiro, 1982,

MEIRIEU, P. **Aprender sim... mas como?**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

MIZUKAMI, M.G.N. **Ensino: As abordagens do processo. Temas básicos de Educação e Ensino**. São Paulo. EPU. 1986.

MOREIRA, M. A.; MASINI, E. F. S. **Aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2002.

Noffs, N. A. Psicodrama e Disciplina: Projeto Pedagógico Psicodramático. In: **Disciplina na Escola: Autoridade versus autoritarismo**. Temas básicos da educação. Arlete D'Antola (org.) EPU Editora Pedagógica e Universitária LTDA. Unicamp, SP, 1989.

SACRISTÁN, J. G.; PÉREZ GÓMEZ, A. I. **Comprender e transformar o ensino**. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.